

Presidente: Agora já temos os instrumentos para governar

Sarney 04 JAN 1988

Telefoto de Sérgio Marques



O Presidente Sarney e Dona Marly na sacada da casa na Praia do Calhau

SÃO LUÍS — O Presidente José Sarney disse, ontem, em sua casa na Praia do Calhau, que este ano terá todas as condições de governar o País, "a partir de todo um instrumental consolidado nos três anos já cumpridos de mandato".

Segundo o Presidente, este instrumental é formado pelos Planos de Ação Governamental, Macroeconômico, de Metas e pelo Orçamento Unificado da União. Uma outra ferramenta de seu trabalho será um ministro da Fazenda de sua escolha pessoal.

A entrevista com o Presidente foi à porta dos fundos da casa. Depois de despistar a imprensa durante a manhã, Sarney resolveu atender aos repórteres, que lhe encaminharam dois bilhetes e entregaram um pedido pessoal a Dona Kiola, sua mãe.

P — Como foram seus 12 dias na Ilha de Curupu?

Sarney — Conseguí descansar bem e passei o réveillon com os pescadores, gente muito simples, comendo peixe pedra e bebendo licor de caju.

P — O senhor está decidido a manter o Maílson no Ministério da Fazenda?

Sarney — Isto não é uma pergunta, é uma afirmação. Eu só vou decidir isto quando chegar a Brasília. Até o fim da semana teremos o novo Ministro da Fazenda empossado.

P — O senhor pretende negociar a nomeação do Ministro da Fazenda com os partidos?

Sarney — Já tive oportunidade de dizer isto antes. O Presidente Tancredo Neves estava certo quando disse que o Chefe da Casa Civil e o Ministro da Fazenda têm que ser pessoas de absoluta confiança do Presidente, escolhidas diretamente por ele.

P — Mas os outros ministros foram negociados com os partidos?

Sarney — Até hoje eu fiz isto e os resultados não foram bons.

P — O senhor pretende mudar sua postura política em 1988 para governar livremente, longe da interferência dos partidos?

Sarney — Sou político e vou morrer político. Digo sempre que a via política só tem uma porta, a de entrada, não tem a de saída. Acho que ninguém pode governar sem os partidos, principalmente em uma democracia. Mas o grande proble-

ma do País é a falta de partidos políticos. O que vemos hoje é a existência de partidos em formação, ainda sem unidade ideológica. Eu senti esta dificuldade. Meu Governo não tinha um programa partidário, existia apenas um roteiro da Aliança Democrática, que segui fielmente. Entrei em um Governo para o qual não havia escolhido a equipe. Usei um programa que não havia escolhido. Estava preparado para ser o Vice-Presidente quando ocorreu a tragédia. Nós agora temos os instrumentos fundamentais para governar.

P — Em função deste instrumental o senhor quer mais um ano de mandato?

Sarney — Isto nunca foi um problema pessoal meu. Foi um problema político no interesse do País. Não tenho a sedução indomável pelo poder. Não sei se isto é bom ou ruim. O pessoal do soco na mesa acha que isto é burrice.

P — Quais são suas perspectivas para 1988?

Sarney — Pela primeira vez tivemos um instrumental em condições de balizar as ações do governo. No primeiro ano de meu mandato, tive eleições para prefeitos de capitais, para os municípios de segurança nacional e compusemos todo o quadro institucional do País. Passamos

pela legalização das centrais sindicais, dos partidos políticos clandestinos e pela restituição das liberdades civis. Consolidamos o poder civil, o que foi muito importante a partir das dificuldades existentes naqueles dias. No segundo ano, tentamos uma reforma na economia com o Plano Cruzado, a partir de elementos heterodoxos. Não tivemos o sucesso esperado. O povo apoiou, mas as elites não. Tentamos fazer uma mudança profunda no País, mas tivemos uma esquerda retrógrada e uma direita reacionária sabotando sem o menor sentido, implantando uma política de terra arrasada. Enfrentamos duas mil greves, especulações com bens de primeira necessidade e desabastecimento. Em seguida, houve o Plano Cruzado II, que tinha diversas falhas. A intenção era a de se corrigir os problemas surgidos no Plano Cruzado, mas fracassamos.

(Dona Marly interrompe a entrevista por um instante, dizendo que "isso não é uma lamentação e sim uma realidade").

O Presidente conclui seu raciocínio:

P — Mesmo assim conseguimos criar uma democracia. Hoje, possuímos os instrumentos necessários para uma ação de Governo.

De volta a Brasília, depois do descanso

SÃO LUÍS — O Presidente Sarney segue hoje, às 12h20m, para Sergipe. Vai inaugurar obras de irrigação do Projeto Padre Cícero, no município de Simão Dias, devendo estar em Brasília no final da tarde. Amanhã ele retornará ao seu dia a dia no Palácio do Planalto, depois de 13 dias de férias no Rio Grande do Norte.

Ontem, o Presidente iniciou seu dia cedo. As 8h30m, seus filhos Fernando e José Sarney Filho, o Zequinha, seguiram no helicóptero de carga UH-1 Huey, que a FAB destacou para apoiar as férias de Sarney. Às 9h30m, Fernando retornou. Ao chegar ao Aeroporto do Tirirical, procurou despistar os jornalistas:

— Papai só vem à tarde e vai direto para a casa do Calhau — afirmou.

O helicóptero Esquilo, empregado para o transporte especial do Presidente, decolou às 10h30m. Foi buscar Zequinha e Dona Marly para a inauguração de uma escola no município de São José do Ribamar, onde está a Ilha de Curupu. Enquanto isto, Fernando desativava a segurança da casa do Calhau e voltava a garantir que o pai não viria de manhã.

Uma indiscrição da comitiva em São José do Ribamar colocou os jornalistas na pista do Presidente. Segundo um membro da segurança de Dona Marly, Sarney teria usado o helicóptero de carga para sair de Curupu e um Opala branco para se deslocar do aeroporto até a residência do Calhau.

O esquema de cobertura, desarticulado pelas informações de Fernando, foi reunido às pressas, mas os repórteres conseguiram apenas ver a chegada a comitiva pelo portão principal da residência. Era meio dia. Quinze minutos depois, a mãe do Presidente, Dona Kiola, chegou para almoçar com ele. Os repórteres solicitaram-lhe que intermediasse uma entrevista. Ela prometeu tentar. Às 12h30m, os jornalistas enviaram dois bilhetes a Sarney renovando o pedido de entrevista. E 30 minutos depois, o Presidente atendia os repórteres, vestido com um safrari branco de linho, com detalhes bordados sobre os bolsos.